

RELATO REFLEXIVO: percepção de espaços urbanos como locus de expressão de subjetividades

*Maria da Glória Gonçalves Santos**

Resumo: Trata-se de um relato reflexivo de experiência vivida com os alunos do 1º semestre do curso de Psicologia, do componente curricular Processos Psicológicos Básicos, sobre a percepção de espaços urbanos como locus de expressão de subjetividades, e que foi compartilhada com a comunidade acadêmica na Mostra de Projetos da Unijorge, no ano de 2019, autenticando os propósitos do projeto e a ampliação do olhar sobre a cidade.

Palavras-chave: Espaços urbanos; Percepção; Subjetividades

Abstract: *This is a reflective account of the experience lived with students of the 1st semester of the Psychology course, from the curricular component Basic Psychological Processes, on the perception of urban spaces as a locus of expression of subjectivities, and which was shared with the academic community in Exhibition of Unijorge Projects, in 2019, authenticating the purposes of the project and the broadening of the view over the city.*

Key-Words: *Urban spaces; Perception; Subjectivities*

* Psicóloga, mestre em educação pela UNEB e contemporaneidade, docente do curso de Psicologia – UNIJORGE.

“Por traz dos circuitos das imagens, há a existência de uma matriz simbólica.”

Este relato contempla as reflexões sobre o projeto Percepção de espaços urbanos como locus de expressão de subjetividades. Nasceu de debates com os alunos do curso de Psicologia do 1º semestre 2019 do matutino e noturno, sobre os conteúdos do componente curricular Processos Psicológicos Básicos, que contemplam os estudos de sensação, percepção, memória histórica, cultural, autobiográfica, coletiva e criatividade.

A proposta foi a de construir uma mostra representativa de imagens clicadas nos percursos feitos pelos alunos no cotidiano, no ir e vir pela cidade, inscrevendo, nas capturas das imagens, legendas, sob a perspectiva teórica dos processos psicológicos básicos, como complementação das leituras feitas sobre a temática, para posterior apresentação à comunidade acadêmica.

O historiador de arte italiano Giulio Carlo Argan, traduz bem o que sustenta teoricamente esse projeto, ao considerar fundamental percebermos que:

A cidade é feita de coisas, mas essas coisas nós a vemos, oferecem-se como imagens à nossa percepção; e uma coisa é viver na dimensão livre e mutável das imagens, outra é viver na dimensão estreita, imutável e opressiva, cheia de arestas, das coisas; trata-se, em suma, de conservar ou restituir ao indivíduo a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente das prescrições implícitas no projeto de quem o determinou: enfim, de dar-lhe a possibilidade de não se assimilar, mas de reagir ativamente ao ambiente. (ARGAN, 1998, p. 219-220)

Desse modo, a ida a campo para capturar a cidade teve o objetivo de estudar os espaços urbanos para compreender o papel da comunicação visual no processo de construção da imagem destes lugares como *locus* de expressão de subjetividades e, portanto, pertencente ao sujeito ativo e crítico, capaz de transformar o território pelas suas inserções nele.

Para Mundim (2017) que defende o espaço da cidade como palco de invenções, as relações do homem com o espaço da cidade são alvo de pesquisas constantes. Tanto como campo de subjetividades, como lugar em constante mutação, repleto de imagens, textos, sonoridades e também provocador de memórias e histórias, o espaço da cidade está em permanente metamorfose. Diferentes formas de ocupação e apropriação se configuram nesse espaço de devir atravessado por um cotidiano de caráter imprevisível. Tais fatores afetam de forma marcante as condições sócio-histórico-culturais de seus habitantes, conseqüentemente, suas relações de convivência.

Para o sociólogo Richard Sennett (2001), a passagem dos séculos se caracteriza principalmente pelo fato de que tudo referente à personalidade das pessoas aparece na esfera pública e é vista por todos; o público e o privado perdem suas fronteiras. Se anteriormente o domínio privado era visto como um refúgio, como um lugar no qual as pessoas se conheceriam e caracterizado pela “intimidade”, passou a ser, nesses novos moldes, algo exposto e visível, onde somos todos estranhos e nos revelamos em nossos comportamentos, códigos do vestir e outras atitudes.

No entanto, se pensarmos o espaço da cidade como um lugar aberto à criação e ao ócio, ou como espaço para a invenção do homem comum, sem planos ou programações pré-determinadas, torna-se necessário, além de enxergá-lo como *locus* do conflito, que inclui agentes e que mobiliza agenciamentos diversos e contraditórios, vê-lo também como *locus* da experiência, que promove percepções espaço-temporais muito mais complexas do que sugerem os efeitos moralizadores e individualistas normalmente atribuídos à contemplação cenográfica (BRITT e BERENSTEIN, 2009).

A leitura das imagens dos espaços pesquisados, por meio de registros fotográficos, demonstra uma observação bastante precisa dos elementos que o constituem. Ao evoluir no tempo, a cidade acumula fatos em seu espaço sobre

os quais se estabelece uma convergência de significados. A memória consagra componentes antigos, gera componentes novos e todos são permanentemente comunicados à população, ingressando em seus processos cognitivos através de mecanismos da percepção. Com a passagem do tempo, tornam-se eventualmente compartilhados por grupos de indivíduos e percebidos de formas diferenciadas, alguns com maior clareza, outros quase despercebidos. Nessa perspectiva, os alunos foram provocados a fazer levantamentos fotográficos, baseados nos estudos de textos que fossem aplicados às áreas do ambiente urbano, segundo critérios de levantamento dos elementos visuais dos espaços públicos usados por pedestres, evidenciando o que é visualmente significativo para eles, enquanto estudiosos do comportamento humano em interação.

A relação dos estudos da sensação e da percepção passa pela compreensão dos modos através dos quais o sujeito se relaciona com a realidade e dela retira subsídios para a construção de todo o aparato simbólico e imagético que produz. Ainda que inicialmente muito frágeis, a interpretação e a construção da realidade estão em função daquilo que o sujeito é capaz de abstrair do mundo em que vive. Esses processos correspondem a mecanismos básicos da psicologia, pois é através deles que a informação ambiental chega à nossa mente. O comportamento das pessoas é baseado na interpretação que fazem da realidade e não da realidade em si, portanto, a percepção do mundo é diferente para cada um de nós. Cada pessoa percebe um objeto ou uma situação de acordo com os aspectos que têm especial importância para si própria e nesse sentido criam vínculos com o território e com outros sujeitos circulantes do mesmo espaço.

Esse projeto final mostrou uma forma de captar os episódios do cotidiano e autenticou exercícios vivos para o desenvolvimento do sentido metafórico do viver, tanto dos alunos, nas discussões em sala de aula e seleção dos espaços e registros feitos, quanto de seus familiares que acompanharam o processo com falas sobre o trabalho, quando ficaram instigados sobre a demanda dos alunos fazerem visita de campo pelos circuitos da cidade e dos visitantes que percorreram a mostra e interagiram com os grupos sobre a produção de cada um. Foram 9 grupos com 6 participantes e em cada um deles foi possível apreciar uma aula sobre a história da cidade com seus encantos, seus mistérios, suas misérias, suas contradições e com as possibilidades de ampliar o olhar sobre o cotidiano e de envolver-se nos espaços sob uma nova perspectiva, de modo mais intenso, participativo e vibrante. O sensível como um elemento fundamental para a compreensão da percepção, na sua manifestação na pintura, nos monumentos, na música, nos painéis de rua, nos grafites e até mesmo nas pichações registradas.

Nosso desejo foi o de que, cada um, ao visitar a exposição de fotos e interagir com as expressões clicadas, tivesse uma forma especial de olhar e pudesse descobrir profundos significados para fazer sua própria grafia pelos circuitos das imagens.

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, o projeto confirma o protagonismo dos alunos, ao conferir a eles a autonomia no processo de construção do conhecimento, na escolha do desenho da cidade que habitam e como pensar esses espaços sob uma ótica nova, em que cada um se vê implicado na dinâmica do território que lhe possibilita uma ação viva e coletiva de enlaces de intersubjetividades, para benefício dos cidadãos que circulam pelas mesmas vias, em diferentes situações. Isso fomentou o amadurecimento acadêmico dos estudantes e a ampliação do olhar sobre o exercício profissional do psicólogo, para além da clínica. A interação entre teoria e prática, em uma ação permanente.

Como docente da disciplina, seja orientando os estudos de texto que deram suporte teórico para um fazer acadêmico na direção da vida urbana e suas implicações com o sujeito ativo e crítico de sua realidade, seja mediando as atividades externas, foi um contentamento processual a leitura das imagens dos espaços pesquisados e uma alegria acompanhar e finalizar o trabalho, verificando o desenvolvimento de competências e de habilidades de relacionar-se com o outro e de propiciar vínculos interpessoais, tendo por base os princípios éticos. A cidade, antes vista como espaço de reprodução da força de trabalho, da troca e do consumo, passou a ser vista como *locus* de expressão de subjetividades. O cidadão procurando ressignificar sua trajetória de vida, pela via dos percursos transitados. Uma rua, uma praça, uma viela, uma travessa, compondo o mapa de acesso a existência singular e plural do sujeito.

Para a psicologia, essa vertente ambiental constitui um poderoso foco de pesquisa e de análises relevantes para contribuir com a sociedade em suas formações de grupos, de coletivos e de participação comunitária na vida da cidade como um lugar vivo, dinâmico, que propicia e absorve mudanças e transformações significativas. Esse projeto reafirma a epígrafe que anuncia o relato reflexivo ao emoldurar com o dizer: *por traz dos circuitos das imagens, há a existência de uma matriz simbólica*. E a experiência de construção e apresentação na Mostra de projetos revelou sentidos e significados na dinâmica dos que circulam pelos espaços urbanos construindo histórias.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRITT, Fabiana Dutra e BERENSTEIN, Paola Jacques. **A Rua é nossa ... é de todos nós. Seminário: 4 dias para falar da Rua**. Local: Centro Cultural da Justiça Federal. Data: 12, 13, 19 e 20 de maio de 2009.

CARDOSO, Ricardo José Brügger. **A Cidade como Palco: o centro do Rio de Janeiro como lócus da experiência teatral contemporânea 1980/1992**. RJ: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - Secretaria Municipal das Culturas - Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural - Gerência de Informação, 2008.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público – As tiranias da intimidade**. SP: Companhia das Letras, 2001.